



GT 046. Música, Som e Formas Expressivas

Wagner Neves Diniz Chaves (Departamento de Antropologia Cultural/UFRJ) - Coordenador/a, João Miguel Manzollilo Sautchuk (DAN/UnB) - Coordenador/a

Expressiva, comunicacional e performativa, aglutinadora de múltiplos conhecimentos, significados e agenciamentos, a música é um campo fértil para investigação antropológica de um conjunto de temas e questões, possibilitando o diálogo entre diferentes nichos dos debates antropológicos, tais quais etnomusicologia, etnologia indígena, cultura popular, patrimônio, antropologia urbana, antropologia do Estado e análise de rituais e performances. Apostando na relativização da noção de música como categoria analítica e partindo da superação do antigo dilema que apartava análise dos aspectos sonoros e interpretação dos sistemas de pensamento e ação, este Grupo de Trabalho volta a atenção para as conexões entre múltiplos aspectos das práticas musicais e produções sonoras e seus significados sociais, principalmente as relações da música com outros meios expressivos e práticas sociais, e as dimensões técnicas e práticas do fazer musical. Tendo em vista esta perspectiva geral, pretende-se explorar os seguintes eixos temáticos: 1) música e linguagem; 2) interação no fazer musical; 3) teorias musicais nativas; 4) música, ritual e performance; 5) mediação, apropriação e identidade; 6) gravação, representação fonográfica e arquivos; 7) paisagem sonora.

Performando a tela: dança, som, imagem e periferia digital

Autoria: Tatiana Braga Bacal, Emílio Domingos - PPCULT-UFF

O passinho é uma nova manifestação do funk carioca, uma modalidade de dança urbana que enfatiza o dançarino individual e não mais o modelo coletivo dos bondes que integravam os bailes funk na década de 1990. Os dançarinos passam a não ser somente jovens e adolescentes, mas também crianças pequenas, e o próprio fenômeno da dança modula a sonoridade do funk, diminuindo letras e aumentando as BPMs. Se havia um novo fenômeno cultural sendo criado ao longo da primeira década do segundo milênio, destaca-se a presença protagonista da internet, no sentido de que explodiram no youtube curtos vídeos dos dançarinos em ação. Os vídeos muitas vezes funcionavam a partir do modelo da batalha, com cada dançarino postando um movimento em resposta a outro dançarino e com comentários do público que indicavam com curtidas quem havia ganhando. No caso específico do passinho, as batalhas começaram antes online para depois serem criadas offline. Partindo do conceito de arte como mediação de A. Hennion e de arte como agência de Alfred Gell, propomos analisar a performance digital do passinho, que inclui a criação, a produção, a dança, a postagem, o som e a imagem. Utilizaremos como referências a etnografia de dois microfilmes que se tornaram históricos, o Passinho foda e Passinho da cidade alta, pois está no processo, na mecânica, o caráter inventivo desta performatividade.



Realização:



Apoio:



Organização:

